

DISCURSO EPISTOLAR E PRÁTICA POÉTICA: DRUMMOND FALA A JOÃO CABRAL

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha¹

*Uma amizade pode ser considerada perfeita
se resiste ao fato de ambos os amigos serem
escritores do mesmo gênero – e bons.*

C. Drummond de Andrade

Essa afirmação de Carlos Drummond de Andrade, pontilhada por uma fina, sutil e humorística ironia, traduz, sinteticamente, um padrão de “critérios” ou exigências que norteia a relação de amizade do poeta itabiritano com outros poetas de mesma cepa e magnitude; homens que com ele dividiram a sofrida, inelutável inserção na experiência da modernidade.

Ao antecipar uma condição fundamental para a conservação e excelência dessa relação, Drummond aponta a identidade de gênero e sua superioridade no trato e manejo de elementos caracterizadores dessa escolha, mostrando, com isso, que o exercício da palavra poética reside na cumplicidade do reconhecimento, da significação e do compartilhar metafórico, frutos de uma existência linguajeira que, muito mais que matéria, é sentido.

O poeta deixa intuir ainda que tal proposta de identidade se consolida à medida que poesia e narrativa, de ambos os lados, tendem à presentificação – vista aqui como uma imprecisão conotativa que traz consigo a impressão de estar em presença de um certo real, como anuncia Lefebvre (1980:130) – e à materialização de uma linguagem literária que, por ser figurada, constitui-se em imagens, responsáveis por tornar mais sensíveis e mais consistentes as coisas de que se fala. Aliás, Drummond (1988:150) assevera:

¹ Professora de Literatura no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo.

*Já não quero palavras
Nem delas careço
Tenho todos os elementos
Ao alcance do braço*

Portanto, a amizade “perfeita” traduz-se, qualitativamente, pela convivência e enriquecimento do discurso conotativo que tais amigos dividem, mostrando que o aspecto afetivo, sensorial, sentimental, escondido pela linguagem literária – e, sobretudo poética, pode-se acrescentar! – proporciona, por parte do Outro, uma leitura e um desvelar do Eu que se veste das palavras para desvestir um(ns) mundo(s).

Essa relação de transparência e opacidade se concretiza, por exemplo, na profunda e “perfeita” amizade que Drummond e João Cabral construíram ao longo de suas vidas.

Eles se corresponderam por um período e tal correspondência, acrescida daquela trocada por Bandeira e Cabral, também representativa de um período formativo de Melo Neto – ou seja, décadas de 40 e 50 – como antecipam as informações preliminares da edição compilada por Flora Süssekind, revela questões fundamentais para a compreensão do fazer poético do itabiritano.

Partindo desses documentos, sobretudo de uma carta de Drummond a Cabral, datada de 17.01.42 (Süssekind: 2001,174), pretende-se observar em que medida a poesia do mineiro atesta a sua disponibilidade para uma poesia humanista, social, e representativa de um padrão de comunicação, que antevê um público leitor de poesia e sedento de novas experiências sensíveis, oriundas de um compartilhar da vida com a própria vida..

Talvez por isso, Drummond, nessa carta, apazigua as angústias do amigo que não se sente à vontade face ao projeto de publicação de *Pedra do sono*²

² Cabral confessa em correspondência anterior, datada de 23/11/41: “Quero que me desculpe ter escrito esta carta apenas para falar em mim. É que a perspectiva da publicação desse livro me tem deixado num estado quase de pânico. Sinto que não é esta a poesia que eu gostaria de escrever; o que eu gostaria é de falar numa linguagem mais compreensível desse mundo de que os jornais nos dão notícia todos os dias ...” (Süssekind, 2001: 191)

Escrever para si mesmo é narcisismo ou medo disfarçado em timidez. Sem dúvida, todo sujeito escreve por necessidade, mas nessa necessidade está latente a idéia de comunicação. Os outros que gostem ou não gostem (Idem, p.174)

Observa-se, nessa didática e incisiva afirmação, o esboço de uma poética de compromisso que prefigura a prolixa universalidade da produção drummondiana, cujos temas, os mais variados e cotidianos, revelam, em verdade, a urgência de uma sensibilidade, dolorida e sufocada, em dividir com os homens e com o mundo a penosa consciência de uma lucidez essencial.

Essa lucidez referenda um compromisso particular consigo próprio, com um padrão moral e ético individual que, inserido em um determinado momento da história cultural, justapõe um sentido e uma significação à configuração poética que, em última análise, reordena a própria experiência do poeta.

É, portanto, forçoso escrever: escrever para compreender a apropriação de determinados valores, as articulações ideológicas e identitárias; sobretudo, escrever para exibir uma maneira própria de estar no mundo e, conseqüentemente, delinear uma prática e uma reflexão sobre os “moldes” desse mundo” e seus modos de representação

Nesse sentido, inclusive, compreende-se a fragilidade sutil e dinâmica desses processos que remetem a uma prática quase monástica de isolamento, independência de interlocução e desempenho social:

A reação do público evidentemente interessa, mas não deve impressionar muito o autor. Daqui a 20, 30 anos que ficará dos nossos atuais pontos de vista e juízo críticos? As obras terão que ser examinadas de novo. E então haverá uma importância maior no julgamento, ao qual, provavelmente, não estaremos presentes. (Sussekind, 2001: 174)

A conhecida timidez de Drummond reflete e antecipa, nesse testemunho a Cabral, uma convivência – ainda que incômoda, dolorosa e questionadora – com o espírito da modernidade,

traduzindo, na efemeridade do fazer poético e sua conseqüente repercussão no mundo das idéias e valores, uma tensão permanente entre a Razão e o Sujeito, entre o racional e o subjetivo, o individual e o coletivo, a humanização e a técnica.

O poeta reconhece a rapidez e a superficialidade desse mundo moderno que, envelhecendo e conduzindo ao desuso as experiências individuais e sensíveis desse ser social e crítico, dissocia a busca de uma identidade pessoal e a instala na ambigüidade e na fragmentação de uma proposta de sobrevivência globalizante mas dominadora e reducionista.

Portanto, “as obras serão examinadas de novo” em função de novas(?) canonizações ou reatualizados paradigmas que, manipulados por uma falsa humanização de cunho iluminista propõem, como lembra Touraine, reencontrar um princípio de integração deste mundo contraditório: “a experiência humana contemporânea está, com efeito, feita em pedaços. O que constitui a contrapartida da globalização dos problemas, na qual tantos sociólogos insistem com razão, e confere a esta o seu verdadeiro sentido. (1994:257).

Talvez por isso, Drummond aconselhe:

... eu acho que se deve publicar tudo, menos pelo valor da experiência do que pela operação de extravasamento da personalidade, de outro modo cativa, e pela tomada de contato com o mundo exterior, que é fértil em sugestões e excitações para o autor. (Idem, ibidem)

confirmando, em realidade, a supremacia, o poder da imaginação e da criação poéticas como elementos fundamentais para a interlocução do homem consigo próprio e com o mundo circundante.

Assim, a modernidade, conceito teorizado por Touraine e vivenciado, no exercício prático da emoção e da palavra por Drummond é:

“... a criação permanente do mundo por um ser humano que usufrui de seu poder e da sua aptidão para criar informações e linguagens, ao mesmo tempo que se defende contra as suas criações a partir do momento em que elas se viram contra eles.” (1994:272)

Em consequência, o “fazer” do itabiritano implica o reconhecimento de um novo momento, no qual

A passagem à modernidade não é a passagem da subjetividade à objetividade, da acção centrada em si próprio à acção impessoal, técnica ou burocrática; ela conduz, pelo contrário, da adaptação ao mundo à construção de novos mundos, da razão que descobre as idéias eternas à acção que, racionalizando o mundo, liberta o sujeito e o recompõe.

Conforme elucida ainda Touraine (1994:273)

É esse sujeito liberto e recomposto que, racionalizando a força e o poder da sua palavra, insiste em uma arte poética independente, cuja individualidade e conteúdo ultrapassem a esfera de uma elite crítica e formadora de opinião: “Se lhe desagradar a opinião dos jornais e revistas, não publique para eles: publique para o povo.” (Süssekind, 2001:174)

Nesse momento, Drummond vivencia e simplifica – no bom sentido - uma definição de ideologia que, independentemente de um processo de poder político explícito, assemelha-se ao significado mais amplo do termo “cultura”, referindo-se, de forma abrangente, ao processo material de produção de idéias, crenças e valores na vida social.

A ideologia, ou cultura, denotaria aqui todo o complexo de práticas significantes e processos simbólicos em uma sociedade particular; aludiria ao modo como os indivíduos vivenciaram suas práticas sociais, mais do que às próprias práticas, que seriam o âmbito da política, da economia, da teoria da afinidade. (EAGLETON; 1997:38).

O poeta quer, exige, uma prática cultural e social justa, de fácil acesso a todos: “Mas o povo não lê poesia ... Quem disse? Não dão ao povo poesia”, argumenta Drummond, e compreendendo, portanto, a aproximação com uma visão de mundo ou com uma experiência de vida de um grupo específico – socialmente significativo – mediado pela prática significativa da linguagem, dos signos, símbolos e da cultura.

A poesia, enquanto exteriorização de uma realidade impressiva interna e particular a um indivíduo corresponde, muito mais que a um comportamento sensível, a um campo discursivo, concretizado pela linguagem e pela palavra resignificada, renovada por um poder imagístico e criativo, cuja função – extrapolando a experiência catártica preconizada pelos gregos da Antiguidade clássica – é, na verdade, vulgarizar a humanização e o lirismo dos sentimentos e comportamentos existenciais, projetando, em consequência, uma convivência com um vir-a-ser mais coletivo, mais cidadão.³

Drummond é tão seguro deste compartilhar, dessa força da palavra engajada na experiência do existir que, apaixonadamente, continua, nessa carta, sua defesa:

Já meditou na fascinante experiência que seria fazer livros de custo ínfimo, com páginas sugestivas, levando a poesia moderna aos operários, aos pequenos funcionários públicos, a toda essa gente atualmente condenada a absorver uma literatura de quarta classe porque se convencionou reservar certos gêneros e tendências para o pessoal dos salões e das universidades?

Drummond desvela a Cabral uma dimensão auto-reflexiva e crítica que insiste na necessidade e vulgarização do comunicar e trocar para que à toda sociedade – independentemente de posição, classe ou credo – seja disponibilizada a experiência de refletir e de se certificar do seu conhecimento de mundo e de outros homens, de si próprio, enquanto, inclusive, participante das transformações em todo o âmbito do conhecimento.

Nesse sentido, o poeta reconhece e clama por uma “política” de formação do leitor, na qual o livro seria o elemento privilegiado, o instrumento intermediador da construção e conservação de uma substância de consciência humana, individual e social, possibilitadora de

³ Antônio Cândido, em “Direitos humanos e literatura” (1989), faz uma lúcida e profunda análise do papel da literatura para a construção de um cidadão verdadeiramente crítico e envolvido com as questões cruciais que o rodeiam.

um verdadeiro, e não somente elitista ou ilustrado, comprometimento crítico com a idéia e sensibilidade cidadãs.

Essa tarefa, árdua e quase utópica, reveste-se de uma urgência quase dinâmica e constante, visto que o homem, ao ler uma obra literária, vai organizando imagens que se interligam e se complementam, preenchendo as lacunas intelectuais de sua consciência, emoção e vontade.

O trabalho penoso é reconhecido pelo itabiritano como uma certeza e uma vitória:

...há muita coisa ainda a fazer antes de chegarmos a uma poesia integrada ao nosso tempo, que o exprima limpidamente e que, ao mesmo tempo, o supere. ,

como um compromisso de vida e maturidade intelectual, a investir seiva e luz no dividir e refazer, através da palavra significativa, o percurso deste estar-no-mundo, deste processo de apaziguamento das dores essenciais.

Por outro lado, tal poética desenha e justifica a importância do momento presente para a auto-reflexão e para a conversão dessas angústias e questionamentos em exercícios de uma poesia impulsionada pelas coisas do mundo, pela simplicidade – às vezes ácida como a própria vida – e, ainda, pelo simples e prosaico, que proporcionam ao Eu poético uma necessidade de exteriorização dessa poesia que tudo habita, mesmo se rendendo, às vezes, ao incômodo e desconforto provocados pela “gauche” impotência:

Não somos bastante hábeis para extrair de nossos instrumentos a nota mais límpida, bastante honestos para confessa-lo, bastante hipócritas para disfarça-lo, bastante cínicos para nos consolar, bastante obstinados para tentar de novo e sempre. Por fim, cumprimos a nossa carreira. E não há outra.⁴

⁴ DRUMMOND DE ANDRADE, C. *opus. cit.*, p. 1426.

Esse constrangimento, esse “apesar de”, manifesta-se, na prática, em uma proposição e um trabalho de reconhecimento, preenchimento de lacunas, povoamento de espaços inanimados que, ansiosamente, reclamam vida, voz e existência, ainda que sobreviventes da magia da invenção e da impressividade mágica, resultantes do exercício lúdico e lucidamente poético, como o poeta ensina em “Paisagem: como se faz”

*Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
Vacante, a semear
De paisagem retrospectiva*

.....
*Por enquanto o ver não vê ver recolhe
Fibrilhas de caminho, de horizonte,
E nem percebe que as recolhe
Para um dia tecer tapeçarias
Que não são fotografias
De impercebida terra visitada*

*A paisagem vai ser. Agora é um traço
A tingir-se de verde, marrom, cinza
Mas a cor não se prende a superfícies,
Não modela. A pedra só é pedra
no amadurecer longuíquo.
E a água desse riacho
Não molha o corpo nu.
Molha mais tarde
A água é um projeto de viver.*

.....
*Paisagens, país
Feito de pensamento da paisagem
Na criativa distância espaçotempo,
À margem de gravuras, documentos
Quando as coisas existem com violência
mais do que existimos: nos povoam
e nos olham, nos fixam. Contemplados,
submissos, delas somos pasto,
somos a paisagem da paisagem.⁵*

O poeta, em verdade, reconhece um duplo movimento do discurso literário, constituído como imagem. Por um lado, a percepção decorrente da convivência com um objeto contemplado, produz um imaginário oscilando entre o irreal e o real, fazendo com que as imagens-“paisagens, pais / feito de pensamento da paisagem” funcionem como uma linguagem “fascinante”, realidade

⁵ Idem, ibidem, p.394.

material que se altera, constituindo um fantástico exterior, ou seja, um movimento que sai da percepção para o nível imaginário. Por outro lado, configura-se também, nesse processo de contemplação, de exercício poético, a experiência inversa, cujo elemento fantástico resulta do questionamento da realidade cotidiana: “contemplados, / submissos, deles somos pastos / somos a paisagem da paisagem”: uma imagem, um devaneio, uma sensação, adquire, inesperadamente pela palavra significada, um caráter real, se tornando um objeto ou um ser visível, palpável, que Lefebvre(1980:140) denominaria de “fantástico interior” ou seja, um movimento de configuração da realidade que passaria do imaginário para o percebido.

Essa ambigüidade entre real e irreal, entre prosaico e poético instaura, ao mesmo tempo que apazigua, as interrogações sobre o caráter da realidade e da imagem, garantindo, pela fantasia, a força e predomínio da imagem como elemento presentificador da sensibilidade, da estranheza e do constante interrogar a beleza artística.

Essa, em última análise, também é fantástica, ambigüamente exemplar e representativa de um projeto poético individual, de integração de linguagens artísticas e mundos vividos, expressando o *ser*, ultrapassando o *estar* coletivo, massificante, realçando assim outra lição de Drummond a Cabral:

Desde que estejamos vivos, as experiências se realizarão dentro e fora de nós, e haverá possibilidade de progredir na aventura poética. O essencial mesmo é viver e acreditar na força formidável da vida, que é nosso alimento e nosso material de trabalho. (Süssekind: 2001, p.175)

Nesse momento, interrompo minhas observações que, longe de se completarem, representam somente uma incursão nesse universo – amplo e quase desconhecido – do discurso epistolar de Carlos Drummond de Andrade, deixando lançada a preocupação e o interesse de se trabalhar com esse material vastíssimo que, além de desvelar aspectos inusitados, justificadores

de uma arte poética e de um exercício de crítica genética, atraem e apaixonam pelo tom coloquial, descontraído, igualmente impressivo e universal, que o poeta divide com seus amigos e com aqueles que invadem o mundo de criação, emoção.

Ao “inconcluir” - como a justificar-me da simplicidade e rapidez das questões aqui alinhavadas: o tempo é um algoz implacável! – ousou parafrasear o Drummond:

Não a reli e acredito que esteja muito desordenada e cheia de afirmações insignificantes, mas o prazer vem da conversa com você, sobre temas que me são caros, e na certeza de que há em você bastante simpatia humana para aceitar este lero-lero. (Süssekind:2001, p.175)

quando se despede de Cabral e confessa-lhe o prazer em ter escrito essa carta.

Como curiosa da obra de Drummond e como leitora de poesia, espero, nesse “lero-lero”, ter resgatado os meandros do discurso epistolar para melhor compreender os mágicos e tortuosos caminhos da modernidade poética que, independentemente do traduzir de sensações ou emoções, promete a fruição poética, revela as veredas desse universo existencial, abstrato e escondido do existir essencialmente.

Referências Bibliográficas

CÂNDIDO, Antônio. Direitos humanos e Literatura. In: CÂNDIDO, A. et al. *Comissão de Justiça e Paz de São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia e prosa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista; Boitempo, 1997.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1980.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.